

CISION

Expresso

Tiragem: 101375

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Lazer

Pág: 48

Cores: Cor

Área: 23,50 x 29,70 cm²

Corte: 1 de 6

ID: 59908254

27-06-2015 | Revista E

O senhor do Oriente

O maior historiador português do Oriente é um viajante frenético. E investiga como viaja. Aos 72 anos, Luís Filipe Thomaz percorre o mundo à procura da história dos descobrimentos e da expansão portuguesa. É o professor que todos querem ouvir

TEXTO VIRGÍLIO AZEVEDO FOTOGRAFIAS JOSÉ CARLOS CARVALHO



CISION

Expresso

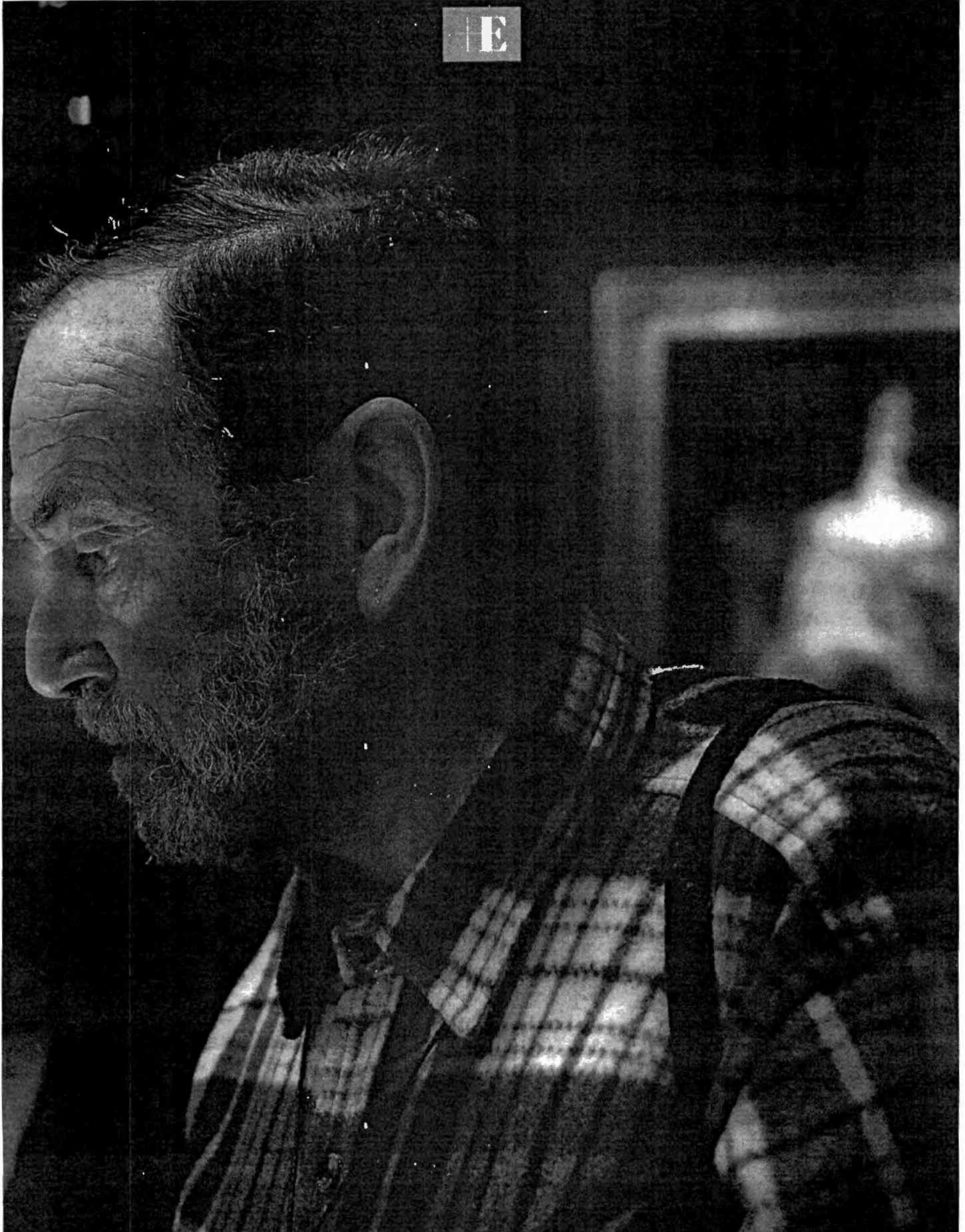
ID: 59908254

27-06-2015 | Revista E

Tiragem: 101375
País: Portugal
Períod.: Semanal
Âmbito: Lazer

Pág: 49
Cores: Cor
Área: 23,50 x 29,70 cm²
Corte: 2 de 6

HE



T

em a Índia no coração. É a sua segunda pátria, onde regressa todos os anos. Começa por Goa e fica em casa de familiares, para investigar livros e documentos antigos nas bibliotecas e arquivos da velha cidade que foi a capital do império português no Oriente há 500 anos. Faz daí a sua base e depois parte para estudar a História do segundo país mais populoso do mundo. Percorre cidades, lugares, paisagens, templos, palácios, fortalezas e ruínas, sempre vestido como os indianos e perdendo-se nas ruas cheias de gente dos mercados e dos lugares santos. Ao peito vai uma cruz de cabedal entrançado, que lhe foi oferecida por um comerciante na Etiópia, quando visitava as famosas Igrejas cristãs escavadas na rocha em Lalibela, na região de Lasta.

Visita quase sempre o Kurisumala (Monte da Cruz), um mosteiro cisterciense da Igreja Católica Síria situado nos Montes dos Cardamomos, no estado de Kerala (sul da Índia), a mais de 1000 metros de altitude. E gosta de ir em peregrinação ao túmulo de São Tomé Apóstolo, em Meliapor, no estado de Tamil Nadu, na costa oriental. A comunidade cristã de rito sírio tem quatro milhões de membros na Índia. Kurisumala é um dos refúgios espirituais preferidos de Luís Filipe Thomaz, mas não é o único. Apaixonado pelo cristianismo oriental, ligou-se à comunidade no sul de França e procura ir pelo menos uma vez por ano, durante a Semana Santa, ao Mosteiro de Solan, perto de Avignon, onde fica a trabalhar nas vindimas e na horta, a estudar história e a fazer leituras espirituais. "É um lugar muito especial, venho de lá revigorado", confessa. Na tradição do cristianismo oriental é costume cada crente ter um pai espiritual. "O meu é o padre francês Placide, foi ele que me recomendou a comunidade ortodoxa romena de

Lisboa, a que hoje estou ligado."

Aos 72 anos, Filipe Thomaz, considerado nos meios académicos o maior historiador português vivo do Oriente, continua a um ritmo frenético. Este ano já esteve um mês e meio na Índia onde, entre outras tarefas, acompanhou pela sétima vez como guia um grupo da Associação dos Amigos dos Castelos numa visita ao estado do Guzarate, a Diu e a Bombaim, contornando o Golfo de Cambaia, na costa ocidental. O grupo percorreu 2500 km de autocarro e fez viagens de avião. Mas Luís Filipe irá regressar à Índia em novembro, numa visita de 18 dias pelos estados de Karnataka e Kerala (no sul), organizada por uma agência portuguesa de viagens culturais, onde será de novo o guia de um grupo de turistas lusos.

Está a acabar, a pedido do Instituto de Investigação Científica Tropical, o catálogo das mais de 2000 moedas transportadas num navio português do século XVI da carreira da Índia naufragado ao largo de Oranjemund, na costa sul da Namíbia. O navio foi descoberto em 2008 e o catálogo será lançado naquele país africano em português e em inglês. Está também a terminar, para serem publicadas, duas comunicações feitas em conferências em Reims, na França — sobre a história do oceano Índico —, e na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa — sobre Fernão Mendes Pinto. E tem vários meses de trabalho pela frente até concluir um dicionário de malaio-indonésio/português que será publicado na Indonésia e que conta com o apoio da Fundação Oriente. Até agora só surgiu no mercado um pequeno dicionário de bolso da autoria de um linguista australiano. Na calha está ainda a edição de dois livros famosos: "As Inscrições de Ashoka", as mais antigas inscrições da Índia (século III antes de Cristo), de conteúdo moral e filosófico, que Filipe Thomaz traduziu do prácrito, língua derivada do sânscrito; e "As Odes de Salomão" — "o mais antigo monumento da poesia cristã", segundo o historiador —, que datam dos finais do século I e que traduziu do siríaco, isto é, o aramaico (a língua falada por Jesus) da época cristã, já mesclado de grego.

As suas grandes paixões, a História do Oriente e o Cristianismo oriental, surgiram quando acabou o liceu no Colégio Militar, aos 16 anos, depois de uma viagem de finalistas ao

Líbano e à Índia. Entregou-se a elas de alma e coração, mas também se dedicou totalmente aos seus alunos, quando foi professor nas três universidades por onde passou: a Universidade de Lisboa, a Nova e a Católica. Aliás, ainda hoje está ligado como investigador ao Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica e ao Centro de História d'Aquém e d'Além Mar da Universidade Nova. "Orientei mais de 20 teses de doutoramento e fui a primeira pessoa em Portugal a ensinar as disciplinas de História da Civilização da Índia, Malaio-Indonésio e Sírio-co e Cristianismo Oriental", sublinha Filipe Thomaz, que formou uma nova geração de historiadores, hoje com projeção académica nacional e internacional.

OS ALUNOS EM PRIMEIRO LUGAR

Janeiro de 1988, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Numa aula de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Filipe Thomaz explicava aos alunos que Bartolomeu Dias chamou Cabo das Tormentas ao cabo no extremo sul de África, mas quando regressou a Portugal da sua histórica viagem, a primeira de um navegador europeu a ligar o Atlântico ao Índico, o rei D. João II resolveu chamar-lhe Cabo da Boa Esperança. Esta é a versão de João de Barros, cronista que viveu 30 anos depois do acontecimento. Paulo Sousa Pinto, um dos alunos que assistia à aula, andava a ler as crónicas de Duarte Pacheco Pereira, contemporâneo e companheiro de viagem de Bartolomeu Dias. E, no intervalo, alertou o professor porque o cronista dizia que fora o próprio Bartolomeu Dias a dar o nome de Cabo da Boa Esperança.

De regresso à aula, Filipe Thomaz confessou aos alunos que se tinha enganado e que Paulo Pinto o havia corrigido. Então, virou-se para ele e pediu-lhe em voz alta, para que todos ouvissem: "Já sabes, quando eu disser uma destas, grita logo: oh sua besta, cale-se e não diga disparates." Há quase 30 anos era assim, neste ambiente informal, bem-humorado e de grande abertura à crítica, que Filipe Thomaz ensinava. Praticava logo nas aulas e mostrava como se fazia. Estava sempre disponível para os alunos, almoçava com eles na cantina universitária (embora muitas vezes mal tivesse tempo para comer, porque gostava de esclarecer em detalhe



VIAGEM

Museu do Oriente: aos 72 anos, o historiador Luís Filipe Thomaz continua a viajar ao encontro dos Descobrimentos portugueses

todas as dúvidas sobre a História dos Descobrimentos). Os alunos de mestrado tratavam-no por Luís Filipe e levava dois ou três de boleta sempre que ia de carro a França ou a outros países europeus visitar universidades e encontrar-se com historiadores.

"O Luís Filipe é para mim o exemplo mais extraordinário de uma fabulosa conjugação de conhecimentos de natureza totalmente diversa, de erudição, de ingenuidade, de capacidade de aventura, de religiosidade e de total desinteresse pelas convenções sociais e os títulos académicos", revela ao Expresso o historiador José Mattoso. Filipe Thomaz nunca se doutorou, embora em 2002 tenha recebido o doutoramento Honoris Causa em História pela Universidade Nova de Lisboa (UNL).



O proponente e padrinho do doutoramento foi um amigo de longa data, Artur Teodoro de Matos, na altura professor catedrático de História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa naquela universidade. "O Luís Filipe Thomaz dizia, com humor, que os artigos científicos eram grandes de mais e os livros de História eram pequenos de mais para uma tese de doutoramento", recorda

o académico. "Quando ele se aposentou na UNL, propus ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e ao Senado, com toda a justiça, a atribuição do Honoris Causa pelo seu mérito científico. Ele é um génio, um homem enciclopédico, e o doutoramento seria o reconhecimento da sua obra, dos discípulos que criou e de tudo o que fez pela universidade." Teodoro de Matos, hoje

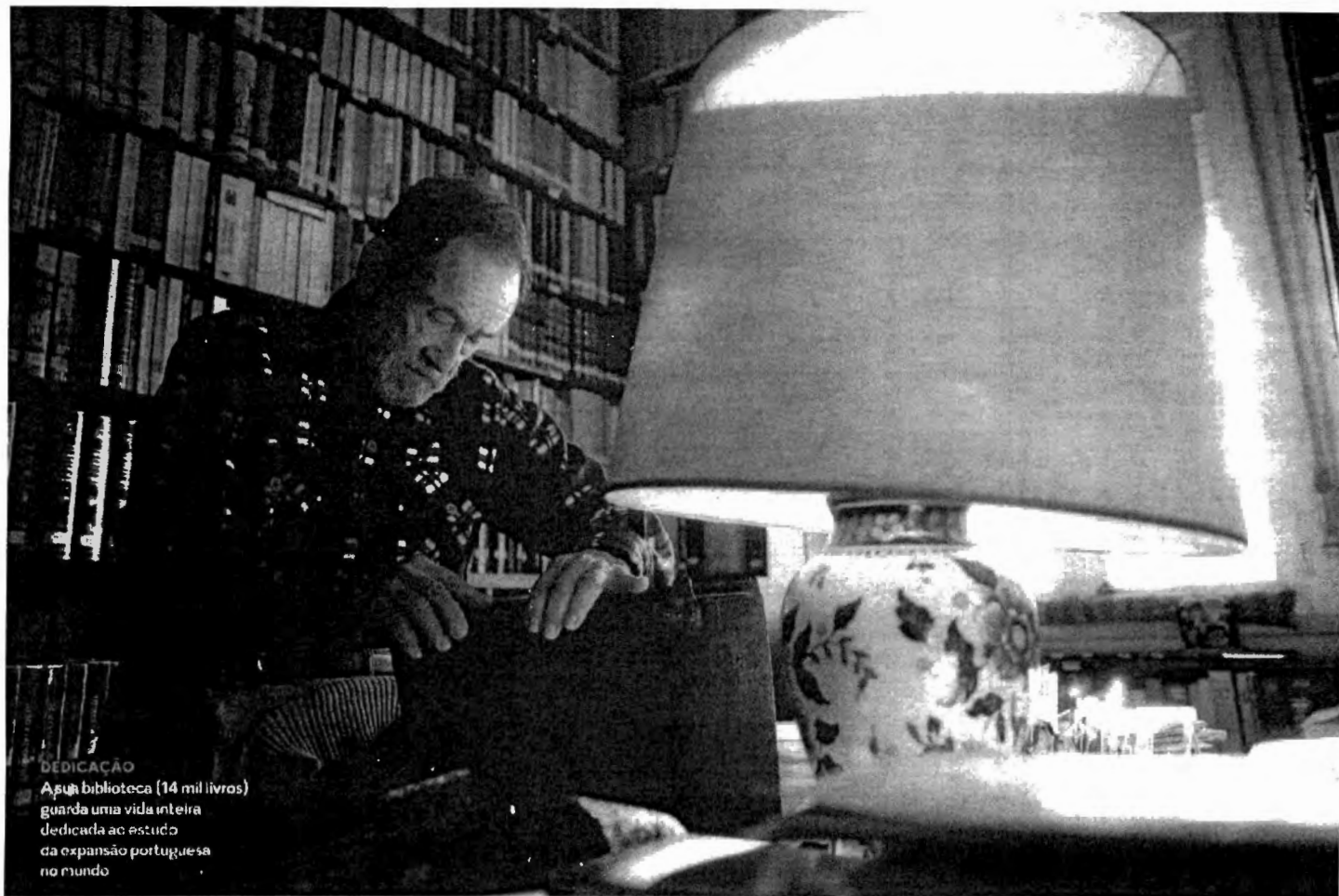
professor da Universidade Católica e vice-presidente do seu Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), acompanhou Filipe Thomaz na sua mais recente viagem à Índia, país que também visita muitas vezes, porque a sua mulher nasceu em Goa.

Numa altura da carreira em que muitos professores universitários se doutoravam, Filipe Thomaz resolveu

antes mergulhar a fundo no estudo das línguas, porque tinha uma tese inovadora sobre a investigação histórica que sempre transmitiu aos seus alunos. "Aquilo que ele nos ensinou foi que não se podia fazer a História do Oriente sem conhecer as suas línguas, porque só isso permitia ter acesso direto, sem traduções, às importantes fontes de informação locais, aos seus relatos e à sua visão sobre o que se passou, e não apenas às fontes portuguesas", recorda João Paulo de Oliveira e Costa, seu antigo aluno, que dirige hoje o Centro de História d'Aquém e d'Além Mar (CHAM) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, o maior do país nesta área, que conta com 385 investigadores.

Assim, Filipe Thomaz apostou

Ao todo conhece 22 línguas vivas e mortas, o que é um recorde entre os atuais historiadores portugueses



DEDICAÇÃO

A sua biblioteca (14 mil livros) guarda uma vida inteira dedicada ao estudo da expansão portuguesa no mundo

tudo na aprendizagem das línguas. E nunca mais parou. Ainda estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), frequentou os cursos de sânscrito e de amárico (etíope moderno) no então Instituto Superior de Estudos Ultramarinos (hoje ISCSP). Depois, já professor, passou pelos cursos de mandarim da FLUL e de Filologia Clássica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em Paris, obteve o diploma superior de malaio-indonésio no Instituto Nacional das Línguas e Civilizações Orientais e o diploma de siríaco (dialeto do aramaico, uma língua morta) no Instituto Católico. Ainda em França, tirou um curso intensivo de ge'ez (etíope clássico ou litúrgico, língua morta) na Academia das Línguas Antigas de Saintes. E na Universidade Católica Portuguesa, frequentou o curso de concanin, língua hoje falada na costa ocidental da Índia, mais precisamente em Goa e nos estados de Maharashtra, Karnataka e Kerala.

INVESTIGAR EM 22 LÍNGUAS

Ao todo conhece 22 línguas vivas e mortas, o que é um recorde entre os atuais historiadores portugueses. E,

devido aos seus laços com a comunidade ortodoxa romena de Lisboa, está agora a estudar romeno. Fala castelhano, francês, italiano, inglês, grego moderno, malaio-indonésio e tétum, a língua nacional de Timor-Leste (país a que está muito ligado, porque trabalhou como assessor para os assuntos culturais no Comissariado de Apolo à Transição de Timor dirigido pelo padre Vítor Melícias, entre 1999 e 2002). E foi dos poucos portugueses que esteve neste país na época colonial, durante a ocupação indonésia (a convite de D. Ximenes Belo, então bispo de Díli) e depois da independência. O seu conhecimento das línguas escritas inclui o latim, grego clássico, sânscrito, siríaco, ge'ez — todas línguas mortas — e uma língua viva, o javanês (falado na ilha de Java, na Indonésia). E tem ainda rudimentos de neerlandês, amárico, mandarim e cantonense, concanin, persa moderno e árabe literar.

Um dia, num encontro em que conheceu o embaixador do Irão em Lisboa, dirigiu-se a ele em persa, o que o deixou completamente espantado. Manuel Braga da Cruz, que foi reitor da Universidade Católica Portuguesa

quando Luís Filipe Thomaz dirigia o Instituto de Estudos Orientais da Faculdade de Ciências Humanas, testemunhou esse encontro. "Os embaixadores dos países asiáticos gostavam muito dele por ser um conhecedor profundo das culturas e das línguas do Oriente. Tinha imensos contactos nas universidades da Ásia e muito boas relações académicas, porque era muito respeitado pela sua obra", conta o ex-reitor ao Expresso. Filipe Thomaz tem hoje mais de 100 artigos científicos e 30 livros publicados em português, castelhano, francês, inglês, alemão, italiano e japonês.

O seu livro mais conhecido, "De Ceuta a Timor", é uma obra de quase 800 páginas publicada em 1998 (o ano da Expo-98), que conta as principais facetas da história da expansão portuguesa, à exceção da colonização do Brasil. E que dá um destaque especial ao que se passou no Golfo de Bengala e no Sueste Asiático, onde os mares eram dominados por comerciantes, piratas e aventureiros. Os antigos cronistas e mesmo os historiadores modernos escreveram pouco sobre esta região, ao contrário do que aconteceu com a costa ocidental da

Índia, onde se concentrou a expansão oficial da Coroa Portuguesa.

Luís Adão da Fonseca, historiador e professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, destaca, por isso mesmo, o facto de Filipe Thomaz ser "um profundo conhecedor das gentes e das geografias cujo passado estuda, desejoso de ultrapassar o simplismo das ideias feitas" e enveredando por "interpretações mais subtis e mais ricas de cambiantes". Para o conseguir, optou por "uma escrita beneditina da História, ou seja, paciente, sólida, duradoura, sensível às opiniões alheias, afastada das preocupações do poder, aberta ao que está para lá das fronteiras étnicas e culturais", enfim, "entendida e praticada como um amor da verdade". Uma escrita que é "um bom exemplo da profunda dimensão ética que caracteriza o trabalho historiográfico".

"UM SÁBIO À MANEIRA ANTIGA"

Filipe Thomaz tem um enorme prestígio internacional nos meios orientalistas e em países tão diversos como a Índia, Indonésia, China, Malásia, Reino Unido ou França. Como salienta

José Mattoso, "é admirado pelos mais eminentes orientalistas franceses". Manuel Braga da Cruz diz mesmo que "é tido como um sábio, um sábio à maneira antiga, que conhece em profundidade todos os temas de que fala ou escreve e não se fica pela rama, enfim, que tem um grande domínio da História". Graças a ele e ao Instituto de Estudos Orientais que dirigiu, "as embaixadas dos países do Oriente em Portugal — Índia, Irão, Indonésia, Coreia do Sul, Japão — tinham um enorme apreço pela Universidade Católica e chegámos mesmo a criar uma cátedra de japonês paga pela Mitsubishi". O antigo reitor da Católica acrescenta ainda: "Tenho a sensação de que ele é mais conhecido lá fora do que cá em Portugal."

Maria Augusta Lima Cruz, investigadora do CHAM e professora aposentada da Universidade do Minho, explica que Filipe Thomaz "não fez a carreira universitária clássica". "Foi-se impondo ao longo da sua vida pelo seu saber e erudição, mas sabia mais do que muitos catedráticos", precisa. Além de professor "foi um mestre, criou uma escola de pensamento, tem hoje um importante grupo de discípulos". E tem também amigos espalhados por todo o mundo, devido "às suas qualidades académicas e humanas excecionais".

Ser famoso e conhecido por estar sempre disponível para partilhar a sua imensa sabedoria, a sua grande experiência académica e de vida, tem por vezes um preço muito elevado. Quando o Expresso teve a primeira conversa com Filipe Thomaz, ele tinha acabado de chegar de mais uma viagem à Índia, onde esteve durante um mês e meio. Por isso, toda a gente o procurava depois de tão longa ausência. "Caíram sobre mim as solicitações de todas as pessoas que tinham necessidade ou desejo de falar comigo

e esperavam o meu regresso", conta o historiador. A marcação de uma segunda conversa com o Expresso e de uma sessão fotográfica tornou-se muito mais complicada na semana seguinte, em que 11 pessoas pediram para se encontrar com ele.

Mas faltava a parte mais difícil, que surgiu em cascata. "Recebi pedidos para me deslocar a Timor e dar algumas conferências no quadro das comemorações dos cinco séculos da introdução do Cristianismo na ilha; para acompanhar uma viagem cultural a Myanmar e à Tailândia; para ir a Paris fazer a apresentação de um livro sobre o Oceano Índico; para redigir um artigo científico para uma revista indiana de História; para orientar uma tese de doutoramento; e para dar uma conferência sobre cartografia em Sevilha, a convite de uma editora espanhola de Atlas", revela Filipe Thomaz. Todas estas solicitações e convites provocaram no historiador uma enorme pressão, um estado de grande stresse, noites sem dormir e uma vontade de se retirar rapidamente para o seu refúgio preferido, uma casa de campo que tem em Figueiró dos Vinhos (a 50 km de Coimbra), onde gosta de se dedicar à agricultura, descansar, limpar a mente de todas as preocupações. E foi isso que fez durante dez dias. A segunda conversa com o Expresso e as sessões fotográficas, em sua casa e no Museu do Oriente, tiveram, por isso, de ser adiadas.

TRINTA VIAGENS À ÍNDIA

A escritora e jornalista Leonor Figueiredo, num artigo publicado no "Diário de Notícias" em 2008, chamou-lhe "um Fernão Mendes Pinto do século XXI". E com toda a razão. Quando o Expresso elaborou com Filipe Thomaz uma lista dos países que ele já visitou e a frequência com que o fez, o resultado foi impressionante:

cerca de 200 viagens a 40 países. Na Ásia, o campeão das visitas é a Índia, onde já esteve 30 vezes.

Esteve também dez vezes na Malásia e oito vezes na Indonésia (fala relativamente bem a língua dominante, o malaio indonésio), sete em Timor-Leste e no Brasil. Na Europa já perdeu a conta às muitas viagens que fez e só se lembra das oito visitas à Grécia, um país muito especial para o historiador, que conhece bem o grego clássico e fala fluentemente o grego moderno. Esta capacidade surpreende muito a população local, "que não está habituada a ver um turista a falar a sua própria língua", assinala o historiador. "É uma grande vantagem para mim, porque me tratam nas palminhas das mãos." Muitas destas viagens foram feitas a convite de universidades para dar aulas como professor convidado em França, no Brasil, na China e na Malásia. Ou para falar em conferências e seminários. A enorme diversidade dos conhecimentos de Filipe Thomaz não é apenas linguística. Como reconhece Henrique Leitão, Prémio Pessoa 2014 e investigador do Centro Interuniversitário de História das Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa, "Filipe Thomaz interessa-se por outras disciplinas como a etnografia, geografia, cartografia, botânica, teologia, filologia, astronomia, matemática, história das ciências". Em suma, tem um saber eclético que se revelou desde muito cedo, porque em 1959 Luís Filipe concluiu ao mesmo tempo o ensino secundário nas áreas das ciências (no Colégio Militar) e das letras (no Liceu Nacional de Oeiras).

"Já me telefonou às duas da manhã para tirar dúvidas sobre uma equação trigonométrica da astronomia relacionada com a Lua, mas os cálculos dele estavam corretíssimos, apesar de se tratar de um problema

complexo", recorda Henrique Leitão divertido. "E pediu-me desculpa, apesar de eu estar a trabalhar àquela hora." Quando estuda qualquer assunto "vai logo aos aspetos mais profundos e complexos com a maior das facilidades. E nos debates académicos nunca dá uma opinião superficial".

Paulo Sousa Pinto, investigador da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica e antigo aluno de Filipe Thomaz, foi o seu braço-direito durante dez anos, quando o historiador dirigiu o Instituto de Estudos Orientais. E explica por que razão ele é tão conhecido nos meios académicos nacionais e internacionais e tão desconhecido do grande público: "É um homem com uma modéstia franciscana e uma grande humildade, que tem uma certa aversão a entrevistas e à ribalta dos média." Por outro lado, na religião "é profundamente crente e tolerante em relação às crenças dos outros, mesmo ao ateísmo". Conhece bem a História das Religiões "e traça pontes de contacto entre elas, é muito ecuménico e sincrético". E na universidade, onde "não tinha nada a ver com burocracias, horários, agendas e formalidades, que o desgastavam muito, bateu-se sempre pelo ensino das línguas orientais em Portugal". Filipe Thomaz esgrime os seus argumentos. "Tomei a peito o relançamento dos estudos orientais em Portugal, não porque julgue que são mais importantes do que os ocidentais, mas por me parecer que constituem uma lacuna no nosso sistema de ensino." Além disso, "conhecer o outro é um passo essencial para nos relativizarmos a nós próprios e não nos endeusarmos nem à nossa cultura". E é paradoxal que "o país da Europa que mais longa experiência tem de contactos com civilizações extraeuropeias, seja exatamente aquele em que os estudos de tais civilizações estão menos desenvolvidos, o que acarreta uma certa pobreza cultural". No fundo, o que Filipe Thomaz fez de novo na sua longa carreira de investigação sobre o Oriente foi "cruzar a História portuguesa com a História local, uma nova metodologia que permitiu desenvolver uma História mestiça". ●

O seu livro mais conhecido, "De Ceuta a Timor", é uma obra de quase 800 páginas sobre a história da expansão portuguesa